

“I AM REDUCED TO A THING THAT WANTS VIRGINIA”:
AS CARTAS DE AMOR DE VITA SACKVILLE-WEST E VIRGINIA WOOLF

*“I am reduced to a thing that wants Virginia”:
The love letters of Vita Sackville West and Virginia Woolf*

DOI: 10.14393/LL63-v38-2022-20

Lucas Augusto Valente*

Resenha da obra:

SACKVILLE-WEST, Vita; WOOLF, Virginia. **Love Letters: Vita and Virginia**. Introdução de Alison Bechdel. Londres: Vintage Publishing, 2021. Ebook.

RESUMO: *Love Letters: Vita and Virginia* foi publicado pela Vintage em fevereiro de 2021 e reúne uma coleção de manifestações da escrita do eu de Virginia Woolf e Vita Sackville-West, importantes figuras literárias do século XX. Com introdução por Alison Bechdel, autora de relatos auto/biográficos em quadrinhos, o volume oferece diferentes vislumbres às personalidades e máscaras das duas artistas, ao contexto sócio-histórico-cultural que as envolve e, ainda, aos pormenores, entroncamentos e desencontros que a escrita epistolar consegue facilitar.

PALAVRAS-CHAVE: Virginia Woolf. Vita Sackville-West. Alison Bechdel. Escrita epistolar. Cartas de amor.

ABSTRACT: *Love Letters: Vita and Virginia* was published by Vintage in February 2021 and brings together a collection of life writing manifestations by Virginia Woolf and Vita Sackville-West, important literary figures of the 20th century. With an introduction by Alison Bechdel, author of auto/biographical narratives in comics, the volume offers different glimpses into the personalities and masks of these two artists, the socio-historical-cultural context surrounding them, and the details, entanglements, and disentanglements that epistolary writing manages to facilitate.

KEYWORDS: Virginia Woolf. Vita Sackville-West. Alison Bechdel. Epistolary Writing. Love Letters.

* Bacharel em Letras – Inglês pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). ORCID: 0000-0001-7133-2246.
E-mail: lucasaugustovalente(AT)gmail.com

Envelopes azuis, tintura roxa e prosa poética: três componentes essenciais se amontoam para sustentar um dos mais notáveis registros de amor entre duas mulheres do século XX. Lançado em fevereiro de 2021 — quase um século após o primeiro contato de suas protagonistas, que se desvelou em 1922 —, *Love Letters: Vita and Virginia* é recente publicação da Vintage e traz consigo uma parcela desta narrativa. Suas páginas republicam não apenas o registro hábil, passional e astuto de mulheres amantes e especialmente significativas ao cânone literário inglês — Sackville-West e Woolf — mas também uma novíssima introdução da escritora Alison Bechdel, conhecida no mundo e aqui no Brasil como autora dos quadrinhos de *Fun home: Uma tragicomédia em família* (2018, trad. André Conti). Composto de relatos auto/biográficos, o volume oferece diferentes vislumbres às personalidades e máscaras das duas artistas, ao contexto sócio-histórico-cultural que as envolve e, ainda, aos pormenores, entroncamentos e desencontros que a escrita epistolar consegue facilitar. Revolucionário e atemporal, ademais, o romance das inglesas detém especial relevância no campo da literatura missivista LGBTQIA+ em que se insere.

Dona dos referidos envelopes azuis que envolveram suas palavras, Victoria Sackville-West nasceu em 1892, de família inglesa e aristocrata, e a duas coisas devotou a vida: ao jardim e à escrita. Cuidou de palavras e de plantas, poeta e romancista que era, legando à posteridade obras consagradas em sua vida como *The Edwardians*, um *bestseller* de 1930, ou ainda o extenso poema *The Land*, laureado com o prêmio Hawthornden de 1927. Casou-se com o diplomata Harold Nicolson — que também mantinha relacionamentos extraconjugais, mas com outros homens — e com ele contracenou um casamento platônico sólido: viveu uma união mutuamente benéfica em que envolvimento afetivos paralelos eram incentivados por parte de ambos. Nicolson com suas viagens, políticas e paixões uranianas¹; Sackville-West com suas

¹ Uraniano é termo que designa o amor romântico entre homens. O nome foi cunhado nos anos 1860 por Karl Heinrich Ulrichs, a primeira pessoa a advogar publicamente a favor da normalização dessa causa, muito embora tenha sido a nomenclatura de Karl-Maria Kertbeny — “homossexualidade” — que tenha perdurado até os dias de hoje. Ulrichs derivou seu conceito do diálogo platônico *O Banquete*, onde Pausânias discorre sobre a existência de Afrodite Urânia — epíteto da deusa grega do amor — que nasceu da espuma gerada pelos testículos decepados de Urano quando jogados ao mar. Segundo Pausânias, dada a falta de uma figura feminina à geração de Afrodite Urânia, a deusa representa um tipo de amor sem a participação da mulher. Ulrichs utiliza-se desse excerto, sendo assim, apenas para nomear a sua teorização: para ele, homens que sentiam atração sexual por outros do mesmo sexo possuíam, inextricavelmente, uma alma feminina presa em um corpo masculino. Isso se embasa na ideia de que o amor dirigido a um homem precisa, sempre, ser um amor de mulher (KENNEDY, 1981, p. 103-107).

metáforas, flores e paixões sáficas². Sobre a sua mesa, no castelo de Sissinghurst, Vita mantinha dois retratos: um do marido e um de Woolf. Nutrindo especial predileção à tintura roxa para materializar os seus pensamentos, por sua vez, Virginia Woolf nasceu em 1882. Um espírito visionário e subversivo emerge de sua escrita modernista, agindo ainda dialogicamente na contemporaneidade. Sua mente concebeu uma prolífica produção que engloba cartas, diários, ensaios e obras de ficção; adicionalmente, é tratada enquanto uma das criadoras e aperfeiçoadoras da técnica do fluxo de consciência.

Aproximadamente cinquenta anos separam o ápice do romance vivido pelas duas — que ocorreu entre 1926 e 1927 — do momento em que Alison Bechdel relata ter encontrado, pela primeira vez, os pensamentos de Sackville-West pelas estantes da biblioteca de sua universidade — fato ocorrido por volta de 1981. A escolha de Bechdel para a autoria da introdução é acertada, já que a autora há muito é uma figura de destaque da escrita auto/biográfica e da representação lésbica na criação gráfica e multimodal. Seu trabalho, portanto, intersecciona esses três mencionados campos: toma-se por exemplo o aclamado *Fun home*, lançado originalmente em 2006, que é uma história de vida em quadrinhos que narra o processo de despertar da autora como lésbica e sua relação com o pai. Outro feito notável da artista — e compartilhado também com Liz Wallace, uma amiga — foi a invenção do teste de Bechdel-Wallace, uma escala utilizada para se calcular o nível, tipo e recorrência da representação de interações entre mulheres em obras de ficção. Sua criação foi inspirada pelo ensaio feminista *A room of one's own* (publicado originalmente em 1929 por Virginia Woolf e traduzido por diversas vezes no Brasil com os títulos *Um teto todo seu* e *Um quarto só seu*), onde o problema da ausência dessa representação é levantado e perscrutado.

É precisamente através do referido senso de pertencimento conjunto, isto é, todas as três albergadas pelo mesmo grupo social de escritoras que amam mulheres, que a cartunista ancora a sua fala acerca do secular romance de Woolf e Sackville-West. Em um relato subjetivo,

² Sáfico é o tipo de amor romântico que parte de uma mulher e é direcionado a outra. O termo deriva de Safo, a poeta grega que legou obras à posteridade, fundou o modelo poético conhecido como estrofe sáfica e admitidamente amou mulheres durante a vida. Habitou a ilha de Lesbos e é desse nome que deriva a palavra "lésbica", nomenclatura mais recorrentemente aceita para referir-se à orientação supracitada. "Safismo" ou "sáfico" nas referidas circunstâncias de significado foram conceitos amplamente utilizados por Woolf, sobretudo em suas cartas e diários — como na entrada de 14 de agosto de 1928, onde ela diz ter discorrido passionavelmente sobre safismo com o amigo e também autor E. M. Forster (WOOLF, 2021, p. 10667).

Bechdel narra a natureza de seu contato com as cartas de amor — primeiro em sua mocidade, então na meia-idade e, finalmente, aos sessenta anos —, destacando a importância de se ver refletida nesse compilado de espelhos de tinta: relaciona, portanto, experiências pessoais de sua jornada com excertos selecionados da correspondência. Prosseguindo com as evidências textuais, a escritora chama atenção à dinâmica que sustenta a conexão entre Sackville-West e Woolf: a primeira, é dito, conquista com as pernas e praticidade; a segunda, por sua vez, com a mente (SACKVILLE-WEST; WOOLF, 2021, p. XI). A beleza da aristocrata, diz Bechdel, entrelaça-se à sua natureza maternal e cuidadora, capturando o carinho de uma Woolf que não teve a genitora em seus anos de formação. Reconhecida pelo viés psicanalítico especialmente evidenciado em *Você é minha mãe?: Um drama em quadrinhos* — publicado no Brasil em 2013 com tradução de Érico Assis — a cartunista, aqui, parece promover recortes de observação que lhe são costumeiros. Quanto às peculiaridades da escrita epistolar, por sua vez, Bechdel tece maiores apontamentos sobretudo acerca das cartas de anseio e sobre como os distanciamentos ocasionais enfrentados pelas amantes são capazes de gerar as declarações mais belas e apaixonadas entre as que figuram no livro.

Esses relatos se distribuem em proporções diferentes no decorrer de 20 capítulos: espraiam-se, compondo uma linha cronológica que compreende de 1922 — quando a correspondência se inicia, claudicante — a 1941 — quando Woolf tragicamente deixa a vida. Quanto ao gênero da obra, engana-se aquele que se deixa levar pelo seu título e pensa esta se tratar de uma compilação estritamente epistolar: ao contrário, configura-se aqui a correspondência cruzada das duas escritoras, sim, mas também excertos muito íntimos de seus diários e, adicionalmente, missivas privadas a destinatários particulares; todas essas diferentes manifestações da escrita do eu se entremeiam ordenada e minuciosamente para compor a tessitura de uma narrativa romântica. Juntos, os diferentes registros contribuem à sua maneira para erigir a imagem mental que se pode ter sobre esses dois expoentes da literatura inglesa: temos acesso, por exemplo, a uma Woolf que propositalmente modula sua linguagem de forma sedutora — e muito bem ponderada, principalmente quando mais jovem — ao comunicar-se via carta com a sua amante; adicionalmente — e com recorrência na mesma página —, temos acesso também a uma Woolf que é adornada por uma série de máscaras outras, diferentes.

Nas entradas de seu diário, a luz recai sobre uma Woolf irreverente; uma Woolf que não se preocupa em retratar Sackville-West como a Sra. Nicolson, por um momento não mais refém dos ditames sociais ingleses dos anos 20, mas que em contrapartida confessa julgar — de forma precipitada — a aristocrata como “incuravelmente estúpida” logo após os seus primeiros encontros (SACKVILLE-WEST; WOOLF, 2021, p. 4, tradução nossa)³. Não é necessário dizer que essa percepção foi profundamente alterada: a aristocrata foi o grande amor da escritora canônica, rendendo-lhe, inclusive, a inspiração necessária para que *Orlando*: Uma biografia — “a mais longa e encantadora carta de amor da literatura” (NICOLSON, 2013, p. 184, tradução nossa)⁴ — fosse escrito. De todo modo, é bastante positivo e produtivo ter acesso às mudanças de perspectiva que enlaçaram o olhar de uma sobre a outra através dos anos — e não há caminho mais conveniente para que esse cotejo seja facilitado do que a forma encontrada pela edição. Fazem-se presentes diferentes Woolfs e diferentes Sackville-Wests, posicionadas lado a lado, todas sob o escrutínio invasivo de um público transformado em *voyeur*. As diversas faces que são apresentadas não falham em (re)montar as constituições naturalmente multifacetadas de escritoras, conferindo-lhes uma roupagem de carne, osso e humanidade que a escrita auto/biográfica consegue promover.

Ainda em luz do rico projeto editorial que circunda o livro, especial atenção há de ser dada às pequenas notas informativas que introduzem cada um dos capítulos. Graças a elas, quem lê pode saber com precisão o porquê, por exemplo, da correspondência ser tão escassa entre o período de 1922 e 1925; que o capítulo dedicado a 1930 é enxuto apenas porque algumas cartas de Sackville-West não foram preservadas; ou, ainda, que o contato entre as duas se torna escasso em um período que precede 1937 apenas para ser retomado com maior força logo após. Quanto às notas de rodapé, por sua vez, pode-se dizer que estas foram generosamente distribuídas no decorrer de todos o volume: juntas, oferecem esclarecimentos muito necessários, sim, em especial a quem conhece menos da história de vida das amantes.

³ No original: 46 [Gordon Square] has been very pleasant to me this winter. Two nights ago the Nicholsons dined there. Exposed to electric light eggs show dark patches. I mean, we judged them both incurably stupid. He is bluff, but oh so obvious; she, Duncan thought, took the cue from him, and had nothing free to say.

⁴ No original: The effect of Vita on Virginia is all contained in *Orlando*, the longest and most charming love-letter in literature, in which she explores Vita, weaves her in and out of the centuries, tosses her from one sex to the other, plays with her, dresses her in furs, lace and emeralds, teases her, flirts with her, drops a veil of mist around her, and ends by photographing her in the mud at Long Barn, with dogs, awaiting Virginia’s arrival next day.

Menções ocasionais a personalidades de importância, por exemplo, no decorrer das cartas e diários, são rapidamente destrinchadas. Tem-se conhecimento por meio destas, por exemplo, que Sackville-West e o marido conversavam por códigos quando versavam sobre seus casos extraconjugais com pessoas do mesmo sexo: eles tinham receio sobre a possibilidade de que se interceptassem seus textos. Sabe-se também, através desse aparato peritextual, que o romance de Woolf e Sackville-West arrefece a partir de 1927 quando a última passa a ter encontros íntimos com a poeta e duquesa Dorothy Wellesley — observação de grande valia para o entendimento de toda essa dinâmica amorosa poligonal e com mais vértices que um simples triângulo.

Quanto ao compêndio de cartas, deve-se ter em mente que o livro não compreende absolutamente todas as epístolas disponíveis e que foram trocadas entre o casal: inclui-se aqui apenas algumas delas, selecionadas e organizadas de modo a oferecer um sequenciamento narrativo. É positivo manter em mente, também, que muito dos textos não é integral: ao contrário, é com recorrência que figuram apenas excertos tidos como fundamentais daquilo que foi escrito e postado pelas britânicas para a narrativa amorosa. Obliterações são muito recorrentes e nem sempre sinalizadas, como enuncia-se na nota editorial que precede o conteúdo do livro, artifício que pode atuar em detrimento da compreensão do contexto maior das cartas por parte de quem lê. Quanto a esse aspecto, Stanley, teórica especializada na escrita epistolar, promove o entendimento da carta como presente; correspondências, dessa forma, são tidas como uma constante troca destes: emissor e interlocutor alternam seus papéis, dando e recebendo em igual medida, mas em tempos diferentes (STANLEY, 2011, p. 140). Assim sendo, pode-se entender que o tamanho do presente em questão — isto é, a extensão da carta — diz muito acerca do esforço empreendido por parte de seu remetente em elaborá-lo: cartas extensas delatam que mais tempo e empenho foram impressos sobre a confecção do texto, cartas curtas podem indicar o oposto. Quando essa sinalização é totalmente obliterada em uma edição como esta, cujo texto é majoritariamente composto apenas por excertos de textos maiores, perde-se também parte essencial da mensagem e do entendimento ali contido acerca da correspondência e da relação entre as duas protagonistas.

Ademais, é com especial relevância que se destaca o caráter poético, repleto de figuras de linguagem, que amalgama uma missiva à outra. Em completa corroboração, Diaz clama que

a carta “[...] nunca é imune aos modelos poéticos [...] que regem a literatura [...] (2016, p. 59)” — e *Love Letters: Vita and Virginia*, recém-concebido, é a comprovação viva dessa afirmativa. É com naturalidade que a correspondência, tecida por quem foi, seja repleta desse estilo elaborado que lhes flui com tanta naturalidade. Tão autoconscientes são elas do ato da escrita que com frequência pegam-se refletindo não apenas acerca das minúcias do dia a dia ou da paixão que lhes toma, mas também sobre o ofício que as une. Pensamentos acerca da escrita epistolar emergem: “Aqui vai mais uma notícia egoísta de uma inválida, mas eu gosto de lhe escrever e você não se importará que seja apenas sobre mim mesma” (SACKVILLE-WEST; WOOLF, 2021, p. 175, tradução nossa)⁵, diz Woolf, há quase um século, discorrendo indiretamente sobre a carta enquanto a escrita narcisista como foi preconizado apenas mais recentemente (HOWORITZ, 1981, p. 25, apud JOLLY e STANLEY, 2005, p. 103). Já em 1925, é vez de Sackville-West refletir metatextualmente acerca das diferentes temporalidades que regem a escrita epistolar: “Apenas uma luminária sobre o meu papel; ela dá uma concentração, uma intimidade. Que meios ruins são as cartas; você lerá isso à luz do dia e tudo soará diferente” (SACKVILLE-WEST; WOOLF, 2021, p. 175, tradução nossa)⁶. Evidencia-se mais uma vez, sendo assim, a forma visionária com que ambas se aproximam de tópicos e entendimentos ainda hoje relevantes.

É com pontiaguda atualidade e relevância, portanto, que *Love Letters: Vita and Virginia* mostra-se a quem o lê hoje: é enriquecedor a uma multitude de perfis, englobando quem se interessa por manifestações da escrita auto/biográfica; quem procura conhecer a escrita de Woolf e Sackville-West por um viés diferente do que é visto em suas obras fictícias; quem deseja perscrutar os pormenores sócio-histórico-culturais britânicos do início do século XX; ou, ainda — e com especial relevância —, pertencentes às comunidades LGBTQIA+ e que podem encontrar vislumbres de si sobre frases centenárias tal qual Bechdel o fez. Apesar da compilação de cartas ali contida não ser integral, sua condensação em uma narrativa de amor cria uma porta de entrada às escritas do eu das artistas em questão: graças ao seu sequenciamento cronológico, fornece uma diversa e espraçada gama de excertos que atestam

⁵ No original: Here is another selfish invalid’s bulletin, but I like to write to you, and you won’t mind it all being about myself.

⁶ No original: Just one lamp falling on my paper; it gives a concentration, an intimacy. What bad mediums letters are; you will read this in daylight, and everything will look different.

não apenas o desenvolvimento de um relacionamento passional, mas também a maturação de individualidades e de suas respectivas técnicas de composição. Se a feitura de cartas pode ser entendida como o laboratório de escrita onde afia-se a pena, afinal de contas, tal qual Diaz preconiza (2016, p. 236), essa leitura é também é indicada a quem almeja entender e acompanhar como se deu a desenvoltura técnica dessas mulheres em seus ofícios artísticos.

Agradecimentos

Texto desenvolvido no desenrolar do Projeto de Pesquisa "Os gêneros não-ficcionais e híbridos nas literaturas em inglês", junto ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica e Tecnológica (PIBIC e PIBIT, CNPq e UFSC), sob a orientação da professora Maria Rita Drumond Viana do Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras / LLE/CCE do Centro de Comunicação e Expressão.

Referências

BECHDEL, Alison. *Fun home: Uma tragicomédia em família*. Tradução de André Conti. São Paulo: Todavia, 2018.

BECHDEL, Alison. **Você é minha mãe?** Um drama em quadrinhos. Tradução de Érico Assis. São Paulo: Quadrinhos na Cia, 2013.

DIAZ, Brigitte. **O gênero epistolar ou o pensamento nômade**. Formas e funções da correspondência em alguns percursos de escritores. São Paulo: EDUSP, 2016.

JOLLY, Margareta; STANLEY, Liz. Letters as / not a genre. **Life Writing**, v. 1, n. 2, p. 1-18, 2005. <https://doi.org/10.1080/10408340308518291>

KENNEDY, Hubert. The "Third Sex" Theory of Karl Heinrich Ulrichs. **Journal of Homosexuality**, New York, v. 6, n. 1-2, p. 103-11, 1981. Disponível em: https://doi.org/10.1300/J082v06n01_10

NICOLSON, Nigel. **Portrait of a Marriage**: V. Sackville-West and Harold Nicolson. London: Weidenfeld & Nicolson, 2013. E-book.

SACKVILLE-WEST, Vita; WOOLF, Virginia. **Love Letters: Vita and Virginia**. Introdução de Alison Bechdel. London: Vintage Publishing, 2021. Ebook.

STANLEY, Liz. The Epistolary Gift, the Editorial Third Party, Counter-Epistolaria: Rethinking the Epistolarium. **Life Writing**, v. 8, n. 2, p. 135-152, 2011. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/14484528.2011.559732>

WOOLF, Virginia. **A Room of One's Own**. London: Hogarth Press, 1929.

WOOLF, Virginia. **Um quarto só seu**. Tradução de Denise Bottmann. Porto Alegre: L&PM, 2019.

WOOLF, Virginia. **Virginia Woolf: The Complete Collection**. S.l.: Hash Books, 2021. E-book.

Recebido em: 03.07.2021

Aprovado em: 20.03.2022